

Actividade episcopal de D. Pedro da Costa em Portugal e em Espanha (1507-1563)

Cândido dos Santos

Segundo Nicolau António¹, Frei Bartolomeu Ponce, monge cisterciense do mosteiro de Santa Fé, junto a Saragoça, escreveu uma obra em castelhano intitulada *Puerta Real de la inescusable muerte* de que a primeira parte começa com a *Historia, vida e hechos loables del Illustrissimo Don Pedro de Acosta, obispo de Osmá* e del Consejo de Su Magestad.

D. Rodrigo da Cunha teve conhecimento dela, porquanto, ao tratar da vida de D. Pedro da Costa, no *Catalogo dos Bispos do Porto*, escreve o seguinte: “Frey Bartholomeu Ponce, Religioso da Ordem de S. Bernardo, que depois foy Bispo de Carthagená fez um livro em castelhano da vida do Bispo D. Pedro da Costa, que dedicou a El- Rey Philipe o 2º de Castella; não nos foi possível vê-lo”².

Mais tarde, porém, na “Adição” que fez ao capítulo XXXIV do referido *Catalogo...*, já o utiliza: “Ouvemos as mãos, depois de impressa, a vida do Bispo D. Pedro da Costa, aquele livro em que a conta muito por miudo Frey Bartholomeu Ponce”³.

Façamos, desde já uma correcção: Frei Bartolomeu Ponce não foi Bispo de Cartagena. Nicolau Antonio, desmentindo o Autor da Biblioteca Cisterciense, Barnabé Montalvo, afirma que os documentos romanos que tivera às mãos não confirmam de modo nenhum(nullatenus favent) o exercício daquela função⁴.

O que se sabe é que era aragones, que esteve na Sardenha com Frei Miguel Rubio, Bispo de Ampurias, e que, em 1591, foi eleito Abade do mosteiro de N.ª S.ª de Santa Fé, perto de Saragoça, onde havia recebido o hábito⁵.

Da obra de Ponce conseguimos localizar tres exemplares, todos fora do país: 2 em Espanha, e 1 na Sardenha. O livro teve tres edições: a 1ª em Saragoça, em 1577; a 2ª em Salamanca, em 1596, na oficina de João e André Renaut; a 3ª em Cagliari, na Sardenha, em 1584.

Em Espanha encontramos um exemplar da edição de Salamanca(1596) na biblioteca do Palacio do Oriente, em Madrid ⁶, e 1 exemplar da edição de Calhar (actual Cagliari), de 1584, na Real Biblioteca do Escorial⁷. Outro exemplar foi localizado na biblioteca universitaria de Cagliari, na Sardenha. Foi esta edição(de 1584) a que D. Rodrigo da Cunha conheceu e utilizou: “Imprimio-se em Calhar no ano de 1584 por Francisco Guarner, impressor de D. Nicolau Canhellas, Bispo de Bosa”⁸.

Qual o caracter desta biografia de D. Pedro da Costa? Que valor se lhe poderá atribuir do ponto de vista histórico?

Ela é precedida por tres mensagens, dirigidas a primeira a Filipe 2º e as outras ao Reitor e colegas do collegio de Santa Catarina e à Abadessa do mosteiro de N.ª S.ª de Fuencalhiente, Dona Maria de Menchaca, respectivamente.

¹ *Biblioteca Hispana Nova*, Madrid, 1783-88, pp.200-201.

² *Catalogo dos Bispos do Porto*, p. 198 (ed. de 1742).

³ *Ibid.*, p.283.

⁴ *Biblioteca Hispana Nova*, p. 201.

⁵ *Diccionario de Autores...* de Bompiani, Hora, S.A, Barcelona.

⁶ A cota é a seguinte: III/6673.

⁷ Tem a seguinte referencia: 22-V-52

⁸ *Catalogo...*p. 283.

A obra é em modo de diálogo, havido entre certos criados do Bispo, que, vindos de Roma para Castela, se encontram juntos num mosteiro da Ordem de S. Bernardo, no Reino de Aragão, chamado Santa Fé, junto a Saragoça.

Os criados chamam-se Benito e Berardo, Siranio e Marato. Todos clérigos. Um é teólogo; outro filósofo; outro poeta e outro é versado em letras e histórias humanas. Na boca de Siranio e Marato há, a certa altura do diálogo, um elogio da poesia, com um catálogo de poetas ilustres e de humanistas, entre os quais o lusitano Jorge de Montemor, o conhecido autor da “Diana”. Este é citado simplesmente como “el Lusitano” e referenciado juntamente com autores como Bembo, Ariosto Petrarca, Dante, Virgílio, Horácio, Ovídio, e com outros muitos gregos e latinos ⁹.

A biografia de D. Pedro da Costa é uma obra de carácter laudatório, hiperbólico mesmo, e sem rigor histórico. Compraz-se o seu autor com o pormenor anedótico, como quando descreve a recolha que dos seus dentes fazia o bispo à medida que iam caindo: “Eu mesmo depois de morto os vi juntos com uma letra escrita por sua mão que dizia. ”estes são os meus dentes”¹⁰.

Outra característica é a credulidade ingénua relativa à ascendência do bispo, que faz descer Dona Margarida Vaz de Acosta, sua mãe, do Rei Acosta (Costus) de Alexandria¹¹.

A somar a isto, a ausência de rigor cronológico.

O que sabemos de D. Pedro da Costa?

D. Pedro Álvares da Costa, por vezes Pedro Feo da Costa, era filho de Lopo Álvares Feo e de Margarida Vaz da Costa, moradores em Alpedrinha. Pertencia a uma família de eclesiásticos e terá nascido por volta de 1485. Era sobrinho do célebre Cardeal de Alpedrinha, D. Jorge da Costa, figura influente nesta época do Renascimento. O seu valimento junto de vários Pontífices – Xisto IV, Inocêncio VIII, Alexandre VI, Júlio II – era conhecido e incontestado. Feito Cardeal por Xisto IV em 18.12.1476, vivia em Roma para onde se retirara depois de 1479. Tinha mais dois irmãos eclesiásticos: um, arcebispo de Lisboa; outro, arcebispo de Braga.

À sua influência se deve a nomeação de um seu sobrinho, Diogo, para Bispo do Porto, em 1505. À sua morte prematura, sucede-lhe o irmão, Pedro, em 1507. Tem 22 anos de idade e ainda não é sacerdote. Teve por isso de obter dispensa papal, que Frei Ponce “viu e sabe quem a possui”¹². Por outro lado, não se lhe conhecem estudos regulares.

D. Pedro da Costa vai exercer o episcopado durante 56 anos. Foi Bispo do Porto de 1507 a 1535; de León, em Espanha, de 1535 a 1539; do Burgo de Osma, de 1539 a 1563, ano da sua morte.

Chegou ao Porto (falecera, entretanto, o tio Cardeal) a 9 de Abril de 1511¹³. Encontra uma diocese com um quadro administrativo completamente traçado, dividida em 10 terras que correspondiam a 10 arcediagados. As terras estavam divididas em 300 paróquias, de dimensões diferentes. Dentro das muralhas da cidade uma só paróquia. Ocupa-se, desde logo, em visitar as Igrejas do bispado, substituindo os cálices e custódias de chumbo ou outro metal baixo por cálices e custódias de prata. “Nisto gastava grande cópia de dinheiro. Este comportamento parece ser uma constante do seu espírito-espírito de grande liberalidade. Um inventário do “ouro, prata ornamentos e tapeçaria, de 1579”¹⁴, mostra bem que a grande maioria, se não a quase totalidade dos objectos mencionados foram doação do bispo D. Pedro da Costa: cruzes, cálices, cetros, báculos, capas brancas, vermelhas, verdes, azuis e amarelas, pretas e roxas, mantos,

⁹ *Puerta Real...* p.86, da edição de 1584.

¹⁰ *Puerta Real...* p.103.

¹¹ *Ibid.* p. 47

¹² *Ibid.* p.54

¹³ Mons. José Augusto Ferreira antecipa a sua vinda talvez para 1509. V. *Memorias Arqueologico- Historicas da Cidade do Porto*, Livraria Cruz, Braga, 1924, p. 80.

¹⁴ Publicado pelo Dr. Flórido de Vasconcelos, in “D. Pedro da Costa. Subsídios para a biografia de um Bispo do Porto do século XVI” *Revista de História*, volume II-1979. Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de História da Universidade do Porto, Porto, 1979.

capelos e dalmáticas, frontais, pálios, panos de púlpito, vestidos para N^a S^a da Silva, panos de armar, galhetas, caldeiras, castiçais, e outras coisas de sacristia, tudo fora doado pelo bispo D. Pedro da Costa. Capas e cálices tinham todos a roda de Santa Catarina: os cálices, no pé; as capas, no capelo.

No campo pastoral, os problemas que enfrentou eram os comuns naquele tempo: um proletariado clerical (pululavam os beneficiados nas igrejas), a ignorância, o absentismo, como nolo mostram os livros das visitas; a caça aos benefícios; a infração da lei do celibato, etc.

O absentismo era o vício mais frequente e contra o qual sempre clamavam os visitantes. A *cura animarum* era abandonada pelo titular da paróquia a qualquer clérigo a que se pagava um magro salário, o referido proletariado clerical que se via na necessidade de servir várias igrejas ou trabalhar noutros ofícios para prover às necessidades materiais.

Foi esta a situação que veio encontrar no Porto o sucessor de D. Pedro da Costa, o carmelita D. Frei Baltasar Limpo, em 1538, quando visitou toda a sua diocese. Vigários anuais substituíam os párocos e as remunerações que recebiam eram indignas. Vícios próprios do tempo a que o concílio de Trento procurou dar remédio, obrigando bispos e párocos a residir no meio do seu rebanho.

As relações de D. Pedro da Costa com a família de D. Manuel retiraram-no do meio do seu rebanho e condicionaram o seu itinerário episcopal. Sabe-se com certeza que, no ano de 1526, foi deste Reino para o de Castela, por ocasião do casamento da filha de D. Manuel e neta dos Reis Católicos, Infanta Dona Isabel, de quem quem foi capelão-mor, “como o achamos intitulado em muitas confirmações e escrituras deste tempo”¹⁵. São anteriores, porém, as relações com a Casa Real. Com efeito, foi D. Pedro, enquanto bispo do Porto, quem cedeu os terrenos para a construção do mosteiro de S. Bento da Ave Maria. Em 1518, D. Manuel, querendo mudar os mosteiros de religiosas de lugares ermos para a cidade, resolve transferir para o Porto as religiosas dos mosteiros de Rio Tinto, Vila Cova, Tarouquela e Tuias. O mosteiro da Encarnação ou da Ave Maria foi construído nas hortas do bispo, terrenos da Mitra que D. Pedro cede generosamente. No seguimento desta construção foi necessário rasgar uma rua em direcção ao mosteiro de S. Domingos. A rua foi aberta em terrenos pertencentes à Mitra e Cabido do Porto compreendidos na doação de Dona Teresa. Fizeram-se prazos a várias pessoas para casas e quintais, ficando a renda de toda a rua de Santa Catarina das Flores (como era designada nos prazos) para a mesa pontifical e a da rua de Carros para as obras da fábrica da Sé. Assim declaram os prazos primordiais, prazos fateozins para todo sempre. Como foreiras da Mitra, estas casas tinham gravada na ombreira das suas portas a roda de navalhas de Santa Catarina que fazia parte do brasão de armas do bispo. Ainda hoje a ostentam pelo menos quatro ou cinco.



*Ruas das Flores (Porto). Casas com a roda de Santa Catarina.
A presença da roda significa que eram foreiras à Mitra.*

¹⁵ D. Rodrigo da Cunha, *obr. cit.* p. 195.

Num prazo de umas casas nobres chamadas dos Ferrazes, feito em 1523, nos paços episcopais de D. Pedro da Costa, *estando o dito senhor Bispo presente*, ele é intitulado, além de bispo do Porto, capelão-mor da Senhora Infanta Dona Isabel. Este cargo tê-lo-ia assumido após a morte de seu tio, D. Martinho da Costa, arcebispo de Lisboa, em Novembro de 1521.

Todavia, é só a partir de 1526, quando Dona Isabel casa com o Imperador Carlos V, que D. Pedro da Costa a acompanha para Castela. É daí que passa a assinar muitos documentos. Durante cerca de 8 anos o bispo do Porto não reside na sua diocese. Mas regressa em 1534, assumindo o governo do bispado, como consta de muitas confirmações de benefícios feitas no Paço episcopal.

No fim desse ano, porém, a pedido da Imperatriz Dona Isabel, regressa a Espanha. Desta vez para não mais voltar.

Vagando a diocese de León, foi nela apresentado pelo Imperador Carlos V e nomeado a 8 de Janeiro de 1535. D. Rodrigo, seguindo Bartolomeu Ponce, diz que fora provido bispo de León a 17 de Abril de 1534.¹⁶ Primeiro erro. Depois, D. Rodrigo, na “Adição” ao capítulo XXXIV do *Catalogo dos Bispos do Porto* lê erradamente a Ponce e diz que tomara posse do bispado de León a 17 de Abril de 1539, renunciando o bispado do Porto que tivera durante 27 anos. Trata-se aqui da eleição de D. Pedro para bispo de Osma, para o que renuncia não ao Porto, mas a León. Da sua nova diocese tomou posse a 17 de Outubro de 1539 pelo seu procurador, o cónego de León, Diego de Valderas.¹⁷

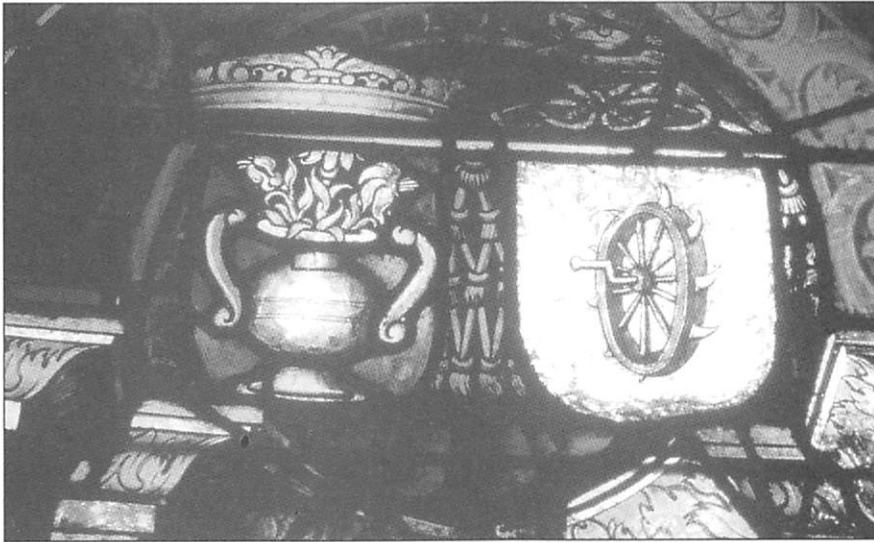
Pouco se conhece da sua passagem pelo bispado de León. Mas ficou dela um documento iconográfico importante. Trata-se de um vitral existente na Sé daquela cidade. Na capilla del Nacimiento (vidriera “2”) da bela catedral de León, está representado o bispo D. Pedro da Costa, de mitra e báculo, com os paramentos próprios daquele tempo pré-conciliar. Que se trata do bispo D. Pedro da Costa, não pode haver qualquer dúvida. Provam-no a presença da roda de navalhas de Santa Catarina e a indicação da data de 1538, o último ano em que o bispo D. Pedro esteve em León. A roda de navalhas fazia parte do brasão de armas do bispo D. Pedro, cópia do brasão de seu tio, o Cardeal de Alpedrinha, do qual faziam parte as navalhas de Santa Catarina, por ser criado e feitura da filha do rei D. Duarte, Dona Catarina, de quem havia sido preceptor e capelão.



*Catedral de León. Capela do Nascimento, vitral 2.
Pormenor com a data de 1538.*

¹⁶ *Puerta Real...* p.68.

¹⁷ Teofilo Portillo Capilla, *Instituciones del Obispado de Osma*, Publicaciones de la Caja de Ahorros y prestamos de la provincia de Soria, 1985, p.p. 373-375.



*Catedral de León. Parte superior do vitral 2.
À direita, a roda de Santa Catarina.*



*Catedral de León. Capela do Nascimento, vitral 2.
O Bispo D. Pedro da Costa (Acosta).*

As navalhas de Santa Catarina de Alexandria estão ligadas à lenda do seu martírio.

Segundo a *Legenda Aurea*, e a “Passio”, lendária, Catarina teria discutido com o Imperador Maximino, mostrando a falsidade dos ídolos que ele adorava. O Imperador, vencido pela jovem, pô-la a enfrentar os sábios imperiais que se renderam aos seus argumentos e à sua verdade. Desvairado, o Imperador mandou-a descarnar no suplício da roda com pontas afiadas. Por intermédio de um anjo Catarina foi salva e a roda partiu-se. Finalmente, teve que ser decapitada e, de imediato, os anjos transportaram o seu corpo para o Monte Sinai, onde se construiu um convento a partir do qual se desenvolveu o seu culto. No século VIII estende-se ao Ocidente e, por meados do século XI, é já venerada na abadia beneditina de Trinité-au-Mont, em Rouen. Nos princípios do século XIII, em Paris, filósofos e teólogos da Universidade consideravam-na sua patrona, assim como numerosas categorias de pessoas, como os prisioneiros, os construtores de rodas e as raparigas por casar, depois dos 25 anos.

Da iconografia de Santa Catarina (a roda, a espada, a coroa e o livro) a roda é o símbolo específico. Por vezes é conhecida por Catarina da “roda”. Por isso, foi escolhida por todos os artesãos que trabalham com instrumentos que têm uma roda. É, por exemplo, padroeira das costureiras.

Adaptadas pelo Cardeal de Alpedrinha no seu brasão de armas, as rodas de navalhas testemunham a popularidade do seu culto. Os navegadores portugueses levaram-no consigo e difundiram-no. Na Calheta, na Ilha de S. Jorge, existe a capela de Santa Catarina com a sua imagem; em Lisboa, a freguesia de Santa Catarina do Monte Sinai cuja igreja, por sugestão de Frei Miguel de Valença, monge da S. Jerónimo, foi mandada construir por Dona Catarina, esposa de D. João III. A sua administração foi entregue aos livreiros da cidade. Confessor da rainha Dona Catarina, Frei Miguel de Valença escreveu uma *Historia y vida martirio y triunfo de Santa Catalina*, que parece ter sido impressa mais tarde, em 1594, por ordem do provincial Frei Juan de Quemada. Este tê-la-á dedicado a Dona Catarina, duquesa de Bragança.

Imagens de Santa Catarina encontram-se ainda hoje com alguma frequência, como, por exemplo, na capela de Santa Catarina, em Lordelo do Ouro (Porto); no Museu Soares dos Reis (Porto); na igreja de Valadares; de Santo Ovídio; de Santa Eulália da Ordem; na igreja da Misericórdia, na rua das Flores (Porto); na capela das Almas, na rua de Santa Catarina (Porto).etc.

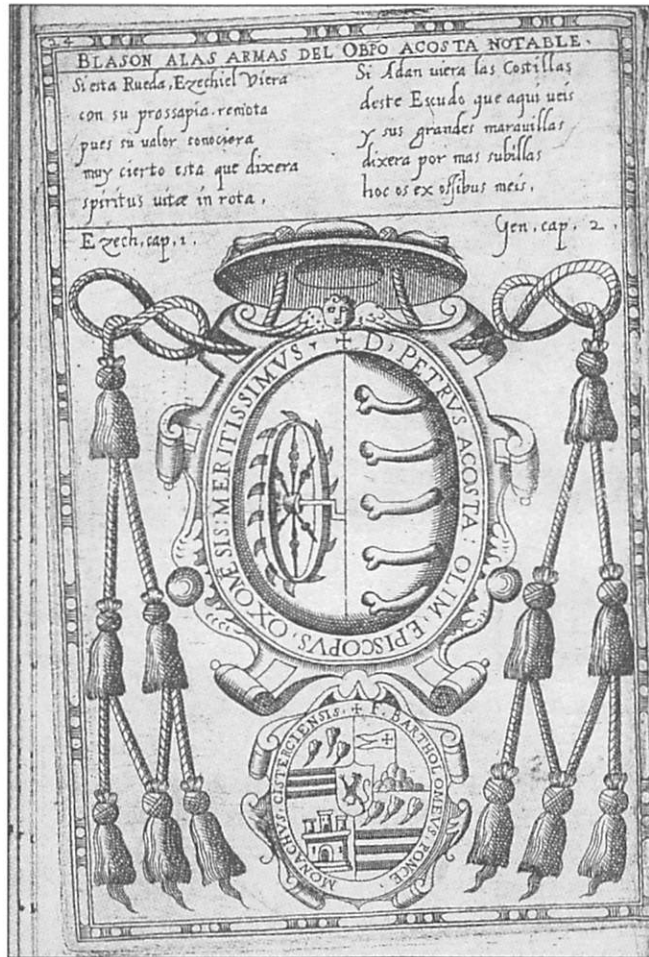
O Cardeal D. Jorge da Costa está sepultado na igreja do Populo, em Roma, na capela de Santa Catarina, e, em Alpedrinha, sua terra natal, foi também dedicada uma capela à virgem e mártir de Alexandria.

Além da roda de navalhas, do brasão de armas de D. Pedro faziam parte ainda 5 costelas, porque, segundo a *Legenda Aurea*, Catarina era filha do Rei Costus.

Durante a última fase do seu episcopado, de 1539 a 1563, D. Pedro não foi um bispo cortesão.

A Imperatriz Dona Isabel falecera de parto, em Toledo, a 1 de Maio de 1539. A 21 desse mês é nomeado bispo de Osma. Continua a usar os títulos de *Capellán Mayor de las Infantas de Castilla e del Consejo de Su Magestad* que aparecem quer na acta da tomada de posse do bispado de Osma, de 7 de Outubro de 1539, quer nas actas das visitas pastorais¹⁸.

¹⁸ Teofilo Portillo Capilla, *obr. cit.* p. 94.



Brasão de armas do Bispo D. Pedro da Costa.

(Primera Parte del Libro intitulado Puerta Real de la Inescusable Muerte, p. 24)

Ao que parece, D. Pedro da Costa nunca se conseguiu libertar da sedução do Douro. Tendo iniciado o seu ministério episcopal no Porto, onde o rio morre, aproxima-se agora dos contrafortes da serra do Urbion, onde o rio nasce, e, convivendo com ele no seu bispado – Osma é percorrida pelo Douro –, é também à beira dele que, finalmente, deseja repousar das suas vigílias e trabalhos.

A acção pastoral de D. Pedro, nesta última fase do seu longo episcopado, desenvolve-se, na sua maior parte, durante o concílio de Trento. Termina exactamente no ano do seu encerramento. Nada consta, por memórias impressas ou manuscritas, que alguma coisa da sua vida e acção destoasse da vontade geral de reforma expressa nos decretos conciliares.

É possível delinear com segurança as coordenadas da sua espiritualidade, bem como da sua actividade como pastor. Avulta, em primeiro lugar, a sua vida de piedade (ofício divino, rosário, devoção ao S.S. da Eucaristia) e o seu espírito de penitência (jejum, cilício...). Além disso, a dedicação aos pobres: “Foi sumamente refúgio de pobres e amparo de necessitados”. São disso claro testemunho as fundações que criou. Numa delas investiu 42 mil maravedis, isto é, comprou 42 mil maravedis de juros reais para com eles poderem os pobres pagar os impostos reais. Esta fundação beneficiava também os vassalos (solariegos) de Valdenebro.

Em agradecimento por tal doação foi posta uma placa comemorativa sobre a Puerta de Arriba (da muralha) e que se encontra hoje na Calle Mayor que diz assim:



Brasão do Bispo D. Pedro da Costa na Calle Mayor do Burgo de Osma.

DON PEDRO DE ACOSTA, OBISPO DE OSMA,
LUSITANO, POR EL BIEN DE LOS POBRES
DEJO A ESTA VILLA Y A LOS SOLARIEGOS
DE VALDENEBRO, XL E II. M. MARAVEDIS
DE JURO PARA PAGAR EL SERVICIO REAL
Y EN MEMORIA DE TANTA MERCED PUSIERON
AQUI SUS ARMAS. ANO DE M.DLIII.

Na mesma Calle Mayor, em frente a esta placa, está o escudo de armas que a Vila lhe dedicou por uma outra fundação que consistiu num depósito de dinheiro no montante de 400 ducados para ser emprestado aos pobres sem qualquer juro, apenas com a condição de ser devolvido, resolvendo, deste modo, situações de premente necessidade.

Os habitantes do Burgo obrigavam-se a fazer em cada ano uma procissão solene desde a catedral até ao colégio de Santa Catarina, na qual se incorporava o Cabido, o Ayuntamiento e uma pessoa de cada casa, com missa e sermão no dia 25 de Novembro, festa de Santa Catarina¹⁹.

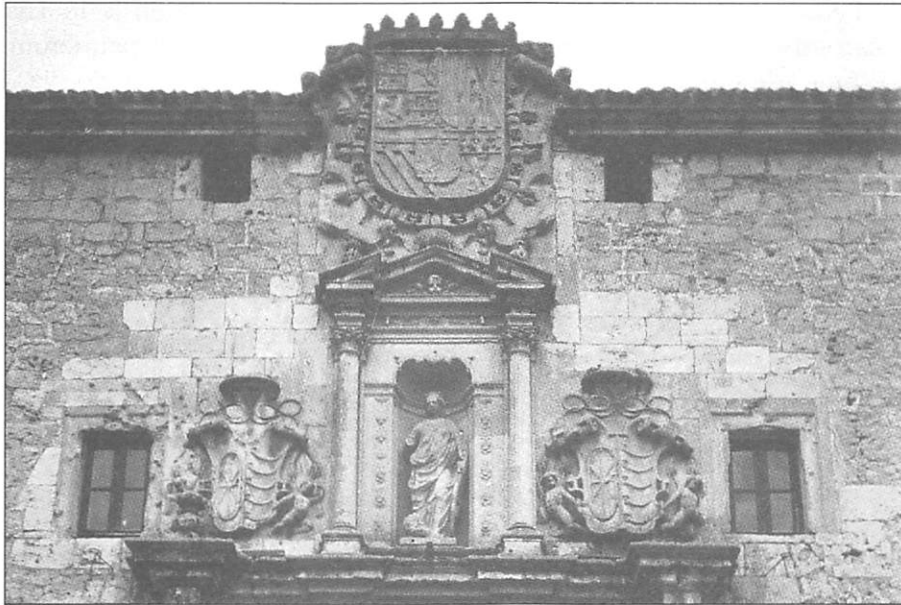
A sua liberalidade estendeu-se ainda à redenção de cativos e dotação de órfãos para poderem casar.

Não foi letrado, mas “amou e teve em muito as letras”, pois “alumiou o seu bispado com universidade e mui real estudo”²⁰.

Fundou o colégio-universidade de Santa Catarina que veio responder às necessidades que havia “numa terra donde estavam desterradas as ciências e onde tão poucos naturais exerciam as letras”.

¹⁹ Ibidem, pp. 70-71.

²⁰ *Puerta Real...* p.116.



Frontaria do colégio – universidade de Santa Catarina (Burgo de Osma).

Ordenou que fosse dotado de cátedras para que nele se fizesse ofício de Universidade “como realmente lo es”. Fundado em 1550, o colégio-universidade de Santa Catarina, com 17 colegiais, 3 capelães e 6 familiares, funcionou até 1843. O ensino nele ministrado foi objecto de uma dissertação doutoral de Bernabé Bartolomé Martínez²¹.

A frontaria do edifício ainda hoje ostenta o brasão de armas de D. Pedro: a roda de navilhas e as 5 costelas.

Na linha da mesma preocupação (as letras) deu à cidade de Soria 500 ducados para uma casa de estudo e à igreja colegial da mesma cidade – em cujo tecto estão também as armas do bispo – deu para obras 1500 ducados.

À sua generosidade e acção muito devem mosteiros e colegiadas. Por um documento assinado na vila de Arévalo autoriza Dona Maria Henriquez de Cardenas, condessa de Miranda e Senhora da Vila de Penharanda de Duero, a começar a edificar a Igreja de Santa Ana que, em 1550, foi erecta em colegiada pela bula de Júlio III, *Sacri apostulatus ministerio*, isenta da jurisdição episcopal, do padroado dos Condes de Miranda, estatuto que veio a criar tensões com os bispos de Osma.

Restaurou o convento de S^a. S^a. de Fuencaliente, de monjas bernardas, que fora vítima de um incêndio, e fundou de raiz o convento de Sancti Spiritus que doou aos dominicanos, dotando-o de 400 ducados de juros perpétuos²².

Foi D. Pedro da Costa um bispo edificante no pleno sentido da palavra. Edificante, porque edificou (construiu), mas edificante também pelo claro espelho da sua vida.

As actas das visitas pastorais são reveladoras não só do seu zelo pelo esplendor do culto divino – a preocupação com os sacrários, os cálices e paramentos – mas também do cuidado com a defesa e conservação do património eclesiástico, a administração dos fundos económicos das paróquias, e ainda na manutenção da disciplina eclesiástica, tomando medidas contra os clérigos ausentes de seus benefícios.

²¹ Manuscrita. De consulta indispensável para tudo o que respeita ao ensino na Universidade da Santa Catarina do Burgo de Osma.

²² *Puerta Real...*pp. 78-80..

Dominus Petrus da Costa... Regni Portugalis natus, olim portuensis in Lusitania, post Legionensis Episcopus... vir magni exempli, horphanorum, viduarum et pauperum pater, faleceu na Vila do Burgo de Osma a 20 de Fevereiro de 1563, por volta do meio-dia. Foi sepultado no dia seguinte na Vila de Aranda de Duero, na capela-mor do convento de Sancti Spiritus, de sua fundação.

Deixou memória ilustre entre os homens da Igreja de Osma.